

CADERNO DE RESUMOS



de Historiografia
Linguística

2015

Essa comunicação tem como objetivo apresentar duas propostas de reforma ortográfica do castelhano de autores hispano-americanos do século XIX - a de Andrés Bello e Juan García del Río, de 1823; e a de Domingos Faustino Sarmiento, de 1843 - no sentido de discutir os princípios que as orientam. Estas reformas seguem o primado de Nebrija (1992 [1492], p. 129, Folio 8 v) de *“escribir como pronunciamos: pronunciar como escribimos”*. A reforma de Bello (1979, p. 459-469), intitulada *Indicaciones sobre la conveniencia de simplificar y uniformar la ortografía*, tem preocupação histórica, já que examina as mudanças ortográficas anteriores estabelecidas pela Academia Espanhola, dos anos 1754 a 1820 - ver Bello (1979, p. 460-463) - e estabelece três princípios que as regulam: pronúncia, uso constante e origem. Ainda que reconheça ser a pronúncia o único princípio essencial e legítimo, Bello (1979, p. 463) critica a academia por assumir postura etimológica. Bello (1979, p. 464) considera absurda que a regra *“de la escritura de los pueblos que hoy existen”* se baseie na *“pronunciación de los pueblos que existieron dos o tres mil años ha”*. Na sequência, (Bello, 1979, p. 464-465) estabelece a relação de para cada letra um *“sonido elemental”* e, como consequência, reduz as letras do alfabeto castelhano, de maneira a suprimir a letra “h”, de “hombre”, e acrescentar o erre duplo - “rr” - que representa um som que não pode *“partirse en dos”*, como em *“rrazón”*. De sorte que a letra dupla persiste ao lado de “r”, que representa o “r” suave de *“ara”* e *“querer”*, em princípio que parece atender mais às ordens da ortoépia, que às da tradição. M. L. Calero Vaquera (1986) afirma que Bello inaugura a “nova gramática espanhola”, e posiciona a data de edição de sua obra como momento em que a descrição gramatical começa a firmar-se como uma ciência com métodos e objetos próprios. A segunda reforma ortográfica, intitulada *Memoria (sobre ortografía americana)*, Sarmiento defende a diferenciação da ortografia da América e da Espanha pela representação pela escrita do único fenômeno comum a toda a América - o *“seseo”*. E propõe que palavras como *“ciento”* e *“yo siento”* sejam escritas com “s”, já que na pronúncia americana são produzidas pelo mesmo som. Como professor primário, Sarmiento quer criar sistemas ortográficos locais, com vistas a facilitar a aprendizagem das crianças hispano-americanas. As duas propostas, sancionadas por Bello como reitor da Universidade do Chile, foram aplicadas distinta e conjugadamente durante 1843 a 1851, sendo conhecida como “reforma chilena”. À união dos ideias linguísticas desses dois professores, Torrejón (1989) atribui a formação de um ideal de língua culta na América independente.

Palavras-chave: língua espanhola, ortografia, norma culta hispano-americana.

Em 1872, José Fernández Nodal (1822-?) publica, em Cuzco, *Elementos de gramática quichua ó idioma de los Yncas*, obra composta por 5 livros, a saber: *Filosofía del lenguaje (Libro I* - pp. 1-92); *Gramática quichua (Libro II* - pp. 95-140); *Sintáxis quichua (Libro III* - pp. 143-236); *Ortografía (Libro IV* - pp. 239-332); e *Prosodia (Libro V* - pp. 335-441). *Sintáxis quichua - Libro III* de Nodal (1872) - é o primeiro texto de um latino-americano a propor uma descrição de corte *nocional*, para a língua geral andina, desde o início do processo de gramatização do quéchua no século XVI. Nessa opção descritiva - trilhada por Platão, Aristóteles, pelos estoicos e pelos modistas medievais - são destacadas as relações entre som e sentido, nas palavras, num quadro metodológico universalista em que a linguagem é compreendida como representação do mundo (ou do pensamento) e as línguas são examinadas a partir de modelos lógico-filosóficos (cf. Borges Neto, 2004, p. 46). Do ponto de vista *institucional*, Nodal (1872) está contextualizado pelas perspectivas idealistas e independentistas que marcam a retórica republicana conservadora dominante à época. O processo de emancipação do Peru - liderado por José de San Martín (1778-1850) e concluído em 28 de julho de 1821 - propicia, pela ótica do autor, que a língua quéchua seja tomada como símbolo de identidade nacional, recobrando, assim, seu lugar de direito. Este Trabalho tem por objetivo examinar a *Sintáxis quichua* - de José Fernández Nodal (1872) - por meio dos três *domínios* determinados por Swiggers (2004) na apreensão da mudança linguística em perspectiva historiográfica: o *domínio metodológico*, o *documental* e o *institucional*. O *domínio metodológico* diz respeito à concepção geral de língua e linguagem que alinha os referenciais descritivos das práticas linguísticas em questão. O *domínio documental* refere-se ao tipo de documentação, de língua, de dados e de fontes que conduzem este Trabalho Historiográfico específico. E o *domínio institucional*, por sua vez, corresponde aos contextos biográficos, sociopolíticos e institucionais em que se desenvolvem as práticas linguísticas sob análise. De fato, um exame complexo desses *domínios*, em perspectiva historiográfica, possibilita, do nosso ponto de vista, uma apreensão crítica da mudança histórica no contexto gramatical a que nos dedicamos. Neste caso, em particular, as análises encaminhadas traduzem a mudança linguística imposta pelo primeiro modelo descritivo lógico-filosófico aplicado à língua geral andina, na América Independente.

Palavras-Chave: Historiografia Linguística, História da Gramática

O contato entre os estudos linguísticos brasileiro e hispânico: uma proposta de investigação

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna (CEDOCH/USP)

Neste trabalho, propomos apresentar o nosso projeto de doutorado, intitulado *A gramática castelhana [ou do espanhol] produzida no Brasil (1920-1970): uma contribuição à historiografia brasileira dos estudos de línguas estrangeiras* e submetido à avaliação para ingresso no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. Nesta proposta de pesquisa, objetivamos examinar o contato de gramáticos brasileiros com estudos linguísticos produzidos por autores hispânicos, investigando a produção gramatical brasileira relativa ao castelhano publicada entre 1920 e 1970. A motivação desta pesquisa tem origem em nosso mestrado, realizado entre 2012 e 2014, em que investigamos o diálogo estabelecido por Andrés Bello (Venezuela/Chile, 1781 – 1865) e Manuel Said Ali (Brasil, 1861 – 1953) com diferentes tradições de estudos linguísticos nas obras *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1853 [1847]) e *Difficuldades da Lingua Portuguesa* (1919[1908]). É sabido que estes dois autores latino-americanos viveram em momentos e lugares distintos. No entanto, conseguimos realizar um estudo que aproximou esses renomados estudiosos em torno de questões concernentes ao desenvolvimento dos estudos linguísticos na América do Sul. Esta aproximação foi elogiada pela banca de defesa, que apontou a escassez de trabalhos historiográficos sobre os pontos de contato entre as gramaticografias brasileira e hispano-americana. De fato, em um levantamento inicial – que deverá ser aprofundado – não conseguimos encontrar estudos historiográficos que pretendessem analisar eventuais diálogos de gramáticos brasileiros com gramáticos hispano-americanos do século XIX e início do XX. Parece que a historiografia sul-americana vem se interessando mais pelas formas de contato da linguística sul-americana com a linguística europeia e norte-americana. Nossa hipótese inicial é, assim, a de que, neste conjunto de obras didáticas, encontraremos evidências de contato de brasileiros com a gramaticografia hispânica, tais como menções a gramáticos, obras, exemplos linguísticos, entre outros. Na obra *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (1920), de Antenor Nascentes (1886 – 1972), considerada a primeira gramática do castelhano produzida no Brasil (cf. QUINTELA e COSTA, 2013), já verificamos que este contato ocorre e, basicamente, restringe-se às exemplificações de fatos linguísticos. Pretendemos levar a cabo esta pesquisa, analisando mais oito obras selecionadas até o presente momento. Para tanto, utilizaremos uma metodologia que nos possibilite investigar ‘como’, ‘por que’ e ‘em quais momentos’ ocorre o contato de gramáticos brasileiros com estudos linguísticos produzidos por gramáticos hispano-americanos. Em outras palavras, estudaremos: (a) como se constroem os contatos, levantando e tratando quantitativa e qualitativamente tanto as menções feitas a estudiosos hispânicos, quanto o conteúdo dessas referências e (b) a sociedade em que os autores e obras se inserem, já que, assim como Koerner (1989: p. 51), consideramos que todo conhecimento linguístico é produzido em um contexto sócio-político-ideológico

específico. Acreditamos que esta pesquisa possa abrir caminhos para que compreendamos melhor o processo de construção e consolidação dos estudos gramaticais no contexto sul-americano geral e, mais especificamente, brasileiro.

Palavras-Chave: gramática do Brasil, castelhano, contato

Para uma tradução do Priscianus Minor

Alessandro Jocelito Beccari (UNESP/Campus Assis)

Esta apresentação introduz uma proposta de tradução – e elaboração de uma introdução e notas de rodapé explicativas para essa tradução – do original latino dos livros XVII e XVIII das *Institutiones grammaticae* de Prisciano Cesariense (ca. 500 d.C.), que tratam de sintaxe latina. Esses dois livros ainda não foram traduzidos para o português. O objetivo do trabalho proposto é, portanto, disponibilizar, em língua portuguesa, parte de uma das gramáticas mais fundamentais e influentes da história dos estudos da linguagem. A tradução desse material é imprescindível para todos os usuários do português que não conhecem o latim das *Institutiones grammaticae*, mas que desejam compreender os aspectos de reflexão sintática de uma obra escrita na Antiguidade Tardia, mas que influencia fortemente a tradição Medieval posterior de pesquisa ensino e aprendizagem do latim e de outras línguas, como o anglo-saxão e o provençal, por exemplo. Parte do modelo teórico adotado para a elaboração da introdução e das notas de rodapé inspira-se na Historiografia da Linguística (HoL) de Koerner (1989), pois assume que o pensamento de Prisciano sobre sintaxe pode ser interpretado, de forma global, por meio do Modelo do Progresso Relativo e das Influências Extralinguísticas (BECCARI, 2013). Além disso, os livros sobre sintaxe das *Institutiones grammaticae* podem ser analisados, em seus aspectos particulares, por dois dos metamodelos propostos por Swiggers (2004) para a HoL, já que a linguagem aristotélica de Prisciano parece apontar para um Programa de Correspondências, em que se relacionam “estruturas morfo(sintáticas) e conteúdos ou processos mentais” (ALTMAN, 2011); no entanto, ao lado desse vocabulário aristotélico, há análises morfológica e comparativa entre o grego e o latim que apresentam características de um Programa Descritivista, em que há “análise de formas observadas; comparação entre [...] línguas (com fins contrastivos; com fins comparativos)” (ALTMAN, 2011). Portanto, esses dois metamodelos parecem, a princípio, pertinentes.

Palavras-Chave: Antiguidade Tardia, Sintaxe, Prisciano

O *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes* de Ferdinand de Saussure

Edgard Santana Bikelis (CEDOCH/USP)

O reconhecimento de Ferdinand de Saussure em vida se deu, em grande parte, pela publicação de seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes* 1878/9. Nesta obra o autor aplica o método de reconstrução interna ao Proto-Indo-Europeu, reorganizando o seu sistema vocálico e propondo, notavelmente, que as vogais longas se tenham desenvolvido a partir de vogais breves seguidas de “coeficientes sonânticos,” que seriam, depois da morte do autor, confirmados por Kuryłowicz (1927b), usando a atestação da língua hitita recém-descoberta. Esta comunicação apresentará o andamento de nossa pesquisa, que tem o objetivo de traduzir a obra toda, tornando-a dessa forma mais acessível ao leitor hodierno, e estudar o modo como se configura a noção de sistema neste texto do “primeiro Saussure” (cf. STAROBINSKI 1974). Para tanto, utilizamos neste trabalho a metodologia proposta por Swiggers (2012), além de Koerner (1989) quanto ao contexto de produção do conhecimento linguístico.

Palavras-Chave: Saussure, *Mémoire*, sistema, historiografia linguística

Descrições do inventário vocálico do saami de Skolt

Beatriz Domingues Corá Fuser (USP)

As línguas saami (família fino-úgrica) são línguas minoritárias da Lapônia, cuja produção de textos descritivos e gramáticas obteve força a partir do século XX. Dentre elas, abordarei o saami de Skolt, com a intenção de levantar a produção bibliográfica que aborda a descrição de seu inventário vocálico, e, a partir disso, observar o grau de formalização e o contexto de produção de tais trabalhos. Os estudos linguísticos que de alguma forma abordam o saami de Skolt variam, primeiramente, quanto ao que consideram como língua e dialeto. No início do século XX, as línguas hoje chamadas de saami de Skolt, Ter e Kildin eram abordadas como diferentes dialetos do “lapão da Rússia”. Um refinamento teórico, caminhando paralelamente com diversos fatores históricos e políticos envolvendo os países nórdicos e a Rússia, culminou com o desaparecimento do termo “lapão da Rússia” entre os estudos linguísticos e o desenvolvimento de pesquisas específicas para cada uma das variantes supracitadas, que passaram a ser tratadas como línguas distintas e com variantes dialetais internas, algo anteriormente ignorado. Quanto à nomenclatura, o uso do termo “saami” (endônimo) no lugar de “lapão” (exônimo) ocorreu com o lançamento da primeira gramática do saami de Skolt, em 1973 (*Koltansaamen Opas* - “Um guia do saami de Skolt”). A descrição do sistema vocálico do saami de Skolt foi feita de maneira distinta ao longo do tempo. A princípio, pela mão de pesquisadores da área de línguas fino-úgricas (majoritariamente finlandeses), as vogais do saami de Skolt eram descritas de forma aproximada, por comparação com outras línguas fino-úgricas, como o finlandês e o estoniano, ou com o sueco. Transcrições fonéticas adotavam o Alfabeto Fonético Urálico. Em 2010, com o lançamento de uma extensa gramática descritiva por um pesquisador americano (*A Grammar of Skolt Saami*, por Timothy Feist), o sistema vocálico do saami de Skolt foi descrito através do Alfabeto Fonético Internacional, mostrando divergências quanto aos inventários de vogais e ditongos estabelecidos anteriormente. As pesquisas variam consideravelmente quanto à terminologia de descrição e grau de formalização, fato que pode ser analisado fazendo uso do trabalho de Swiggers. A análise do percurso dos estudos descritivos sobre o saami de Skolt torna-se relevante também quanto feita à luz dos conceitos de Koerner de contextualização, clima de opinião e horizonte de retrospectiva – o refinamento teórico com o qual a língua é tratada mantém paralelismos com o contexto histórico do povo saami de Skolt, país no qual as pesquisas são desenvolvidas e características biográficas dos autores.

Palavras-Chave: fonologia, vogais, saami, lapão

Uma bibliografia da produção brasileira dedicada à relação do Português Brasileiro com as Línguas Africanas no Brasil do século XIX ao XXI: uma pesquisa epi-historiográfica

Patrícia de Souza Borges (CEDOCH/USP)

Este trabalho tem por objetivo apresentar nosso mapeamento e análise da produção brasileira que se dedicou a investigar as relações entre o português brasileiro e as línguas africanas no Brasil, e discutir a periodização existente para história dessa produção, a partir da análise da metodologia dos textos e das ‘fontes’ utilizadas; análise feita com base no conceito de “programa de investigação” proposto por Swiggers (1981a, 1991a, 2004). A metodologia dos textos e as ‘fontes’ são os principais aspectos criticados pelas revisões históricas, tais como a de Bonvini (2009). Nossa pesquisa foi motivada pela escassez de revisões históricas que se dedicaram à reunião, contextualização e ao tratamento da produção linguística do tema, que ainda que seja objeto de estudos dos estudiosos desde pelo menos o século XIX, não tem sua história estabelecida. Em nosso percurso de pesquisa, chegamos a três resultados, do ponto de vista da historiografia descritivo/interpretativa, desenvolvemos (1) uma análise de textos representativos da ‘tradição’ em foco, baseando-nos no conceito de ‘programa de investigação’ (e em seus formantes: ‘visão’, ‘incidência’ (esta, com destaque conferido às ‘fontes’) e ‘técnica’) e (2) um ensaio, em que reunimos aspectos que permitem problematizar a divisão por fases da produção relativa às relações entre o PB e as línguas africanas no contexto brasileiro proposta por Bonvini (2009). Do ponto de vista epi-historiográfico, isto é, relativo à documentação (bio)bibliográfica e ao tratamento de fontes, reunimos (3) uma bibliografia de textos sobre o tema, oferecendo a ela, preliminarmente, uma análise panorâmica de tendências. Sendo esse último, o objeto de nossa apresentação. Nossa bibliografia, que consta de 322 títulos, organizada cronologicamente, nos permitiu obter uma melhor visão de conjunto daquilo que se produziu no Brasil sobre as relações do PB com línguas africanas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI e destacar as suas possíveis tendências preponderantes ou concorrentes em cada período histórico; possíveis traços ‘persistentes’ ao longo do período total (século XIX a XXI), descontinuações e lacunas.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Contato Linguístico, Português Brasileiro

Levantamento epi-historiográfico sobre a fonologia do Esperanto

Karina Gonçalves de Souza de Oliveira (USP)

O Esperanto é uma língua que foi planejada pelo polonês Lázaro Luis Zamenhof, e teve seu projeto lançado em 1887, em russo (logo depois, foram lançadas versões em alemão, polonês e francês), e desde então passou a ser usada realmente para a comunicação de pessoas com nacionalidades diferentes. Como língua auxiliar internacional, almeja ser uma ferramenta útil de comunicação entre pessoas de nacionalidades diferentes, preservando assim suas respectivas culturas e línguas maternas. Este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento epi-historiográfico dos materiais produzidos sobre a fonologia do Esperanto. Swiggers (2011) define a epi-historiografia como um “ramo 'lateral' da historiografia [que] concerne à história dos 'agentes' (pesquisadores individuais, ou grupos de pesquisadores de uma língua), e 'materiais produzidos' (papiros, manuscritos, livros, artigos, textos eletrônicos etc), esses últimos constituem o depósito do conhecimento linguístico” (p. 5). Os estudos científicos sobre o Esperanto não são muito vultosos, pelo menos aqui no Brasil. De acordo com os dados que temos até o momento, foram feitos trabalhos na área de fonética e fonologia (WELLS, 1978; OOSTENDORP, 1998, 1999), alguns na área de morfologia/sintaxe (LAROCA, 2009; HERRING, s/d.), além de trabalhos sobre aquisição do Esperanto como língua materna (BERGEN, 2001; CORSETTI, 1994, 1996a, 1996b, 2004; LINDSTEDT, 1997, 2006, 2010), entre outros (SHERWOOD, 1982; BÍRÓ, s/d; GOBBO, 2009; BLANKE, 2009; DIAS, 2007). Entretanto, nenhuma reflexão historiográfica sobre a área se encontra disponível. Como primeiro passo para uma futura reflexão, com o objetivo mais refinado de se estudar a estrutura silábica da língua, propomo-nos a levantar tais dados e organizá-los. A busca está sendo feita por meio de palavras chaves em sites de pesquisa como Google Acadêmico, Scielo, ferramentas de buscas de grandes bibliotecas, além de checagem das referências bibliográficas nos artigos e livros dos quais já tínhamos conhecimento. Como a língua em questão não é língua oficial de nenhum país e seus estudos encontram-se dispersos, faz-se necessária uma busca ampla.

Palavras-chave: epi-historiografia, fonologia, esperanto

Notícia do projeto *Opera Omnia* de Rosa Virgínia Mattos e Silva
Mailson dos Santos Lopes (UFBA)

Discorrer-se-á sobre um projeto recém-encetado que se debruça sobre a compilação da *opera omnia* da Profa. Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva (1940-2012), uma das grandes responsáveis pelo renascimento da linguística histórica no espaço brasileiro (FARACO, 2009; CASTILHO, 2012; BARONAS, 2015). As rotas cardeais da proposta fincam-se no processo de disponibilização do espólio bibliográfico dessa linguista em um repositório ou fundo digital e, *pari passu*, no desenvolvimento de estudos analíticos e críticos sobre tal lastro intelectual, de grande monta para a historiografia linguística no país.

Palavras-chave: Opera omnia, Mattos e Silva, Historiografia

Em 1721, a primeira edição da gramática de D. Jeronymo Contador de Argote, Regras da lingua portugueza espelho da lingua latina ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza sai do prelo sob o pseudônimo de Pe. Caetano Maldonado da Gama. Quatro anos mais tarde, em 1725, Contador de Argote, além de assumir a autoria de sua gramática, expande-a consideravelmente. Contrário ao ensino do latim pelo latim, Argote manifesta já no título sua posição e o objetivo de sua obra, reafirmando-o na introdução, seguindo, assim, os passos daqueles que defendiam o ensino da língua latina a partir da materna. Ainda que essa gramática não tenha sido difundida nas escolas públicas da época, é inegável sua importância para a história da gramaticografia portuguesa, não só porque através dela é possível observar alguns posicionamentos em voga na sociedade portuguesa de então, como também porque Contador de Argote gramatiza certos fatos linguísticos próprios da língua portuguesa. O objetivo deste trabalho é mostrar como Contador de Argote examina a sintaxe figurada em sua gramática. Para o autor, sintaxe figurada é aquela que, utilizando das figuras, ensina quando as palavras estão bem ordenadas, ainda que estejam fora da ordem natural. O autor ao tratar da sintaxe figurada não só confirma a filiação ao método dos gramáticos de Port-Royal, já que trata das mesmas figuras que os gramáticos Arnauld e Lancelot, como vai além, porque acrescenta a estas os idiotismos, as figuras de dicção e a colocação pronominal. Este trabalho se inscreve no campo da História das ideias linguísticas porque visa a analisar os conceitos contidos em um instrumento linguístico determinado (Auroux 1998, 2008) e se fundamenta no conceito de gramatização (Auroux, 2009).

Palavras-Chave: Sintaxe figurada, Gramatização, Instrumento linguístico.

Vícios de Linguagem e Idiotismos: a fala como unidade de estudos nas gramáticas normativas brasileiras em língua portuguesa

Ednei de Souza Leal (UNIANDRADE)

A partir de investigações detalhadas de cinco gramáticas em língua portuguesa produzidas no Brasil no período entre 1881 e 1923, ou seja, parte do chamado “período científico”, segundo teóricos como Silvio Ellia e Ricardo Cavalliere – a saber: Grammatica Portugueza de Julio Ribeiro de 1881; Grammatica Portugueza de João Ribeiro de 1887; Grammatica Portugueza de Alfredo Gomes de 1887; Serões Grammaticaes de Ernesto Carneiro Ribeiro de 1890; Gramática Secundária da Língua Portuguesa de Manuel Said Ali de 1923 – procuraremos mostrar de que modo as noções contidas em capítulos intitulados idiotismos e vícios de linguagem expostas nessas obras contribuem para desvendar, ainda que de forma tímida, a maneira como os falantes usavam a língua portuguesa no século XIX e início do século XX. Isso porque são nesses capítulos em que estão contidos inúmeros e preciosos registros dos mais variados dialetos então em voga. A intenção, portanto, é a de promover um debate epistemológico em torno desses velhos manuais, as Gramáticas Tradicionais, por vezes desprestigiadas no seio da moderna Linguística. Com isso, procuraremos investigar por que a unidade fala, outrora tão prestigiada na tradição oral gramatical greco-romana e mesmo medieval, é a partir do século XVII agora fonte intensa de ataques por parte de pensadores e gramáticos. Dessa forma, procuraremos também mostrar de que forma as chamadas Gramáticas Tradicionais enriqueceram seus conteúdos, agregando de várias e diferentes fontes conhecimentos também diversos, durante os séculos, inclusive com preciosos registros linguísticos que, por vezes, por mero preconceito, são desconsiderados dos atuais estudos linguísticos. Para tal empresa, nos utilizamos, além da investigação qualitativa das obras gramaticais, as noções expostas na chamada Historiografia Linguística, sobretudo as noções expostas em Koerner e Swiggers; e por outro lado, da chamada Filosofia da Linguística, que nos auxilia para os debates epistemológicos, nos valem de obras de autores, tais como Borges Neto e Auroux.

Palavras-Chave: Gramática Tradicional, Historiografia Linguística.

Este trabalho tem por objetivo analisar, mesmo que de forma sucinta, dada a natureza introdutória do trabalho, alguns tópicos da Gramática Pedagógica do Português Brasileiro de autoria de Marcos Bagno à luz das ideias da Historiografia da Linguística (HL). Selecionou-se a obra desse estudioso da ciência da linguagem para, a partir da análise de sua obra, buscar entender o que ele entende por gramática e como ele aborda os conhecimentos linguísticos da sua época em sua obra. O trabalho da Historiografia da Linguística busca pesquisar a história dos estudos sobre a língua e a linguagem, em diferentes recortes temporais. No caso deste trabalho, far-se-á um estudo da Historiografia do tempo presente em que o linguista/historiador olha para resultados do presente em função de um passado que lhe dá significação. Assim, faz parte da HL descrever, analisar e interpretar períodos da História da Linguística, e é justamente isso o que se pretende fazer com a Gramática Pedagógica do Português Brasileiro à luz das concepções da HL. Para tanto, faz-se necessário discutir alguns conceitos caros à HL, de modo que se seguirá, na medida do possível, os passos metodológicos sugeridos pela área, quais sejam: contextualização, princípio que busca traçar o clima de opinião da época; imanência, princípio que visa estabelecer um entendimento histórico, crítico e se possível filológico do texto linguístico em questão; adequação, princípio que busca aproximar o vocabulário técnico dos textos, de épocas diferentes, sob análise. Como fontes para o desenvolvimento deste trabalho, tomar-se-á por base as propostas de Konrad Koerner, Pierre Swiggers, bem como as lições de Cristina Altman, precursora desse estudo no Brasil. A gramática, tal como se concebe [hoje](#), surge com os gregos, e o modelo de gramática encontrado na grande maioria das gramáticas ainda é o modelo greco-latino. A gramática, dessa forma, e a partir desse período, é vista como uma técnica de como aprender a língua tida como padrão e um meio de como descrevê-la. A proposta de Bagno difere, então, do modelo greco-latino e apresenta um novo olhar para esse instrumento, deixando sobressair entre suas ideias a de que a gramática não é um local onde se busca preservar a língua, mas, sim, um local propício para que se empreendam investigações e críticas sobre a linguagem humana.

Palavras-chave: Historiografia, gramática, Bagno

Definir e Exemplificar: estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907)

Lygia Rachel Testa Torelli (CEDOCH/USP)

A presente comunicação se concentra nos aspectos metodológicos envolvidos na elaboração dos parâmetros de análise da dissertação de mestrado que concluímos no primeiro semestre de 2015. Apresentaremos os objetivos específicos do trabalho, cujo objetivo geral consistiu no estudo da atividade docente de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Discutiremos, em seguida, possibilidade e limites decorrentes da adaptação de categorias concebidas por estudos de gramaticografia em nosso material de análise, o primeiro dos três cursos que Saussure ministrou na então Faculté de Lettres et Sciences Sociales, em Genebra, entre 1907 e 1911. Para o estudo das definições do texto, optamos por transpor as categorias de Quijada Van den Berghe e Swiggers (2009) e, para o estudo dos exemplos de língua, a tipologia de Chevillard et al. (2007). Por fim, apresentaremos brevemente os principais resultados obtidos.

Palavras-Chave: definição, exemplo, terminologia, didática, Saussure.

IL CIRCOLO GLOSSEMÁTICO DI PADOVA: uma visita historiográfica

Carolina Tomasi (USP)

Esta comunicação ocupa-se em apresentar breve excursão, principalmente, na Glossemática da Universidade de Pádova, cujo representante é Romeo Galassi, professor associado de Filosofia e Teoria da linguagem, que organizou, em 2009, com Cristina Zorzella a edição italiana da obra *Résumé*, de Louis Hjelmslev. Além de Galassi, consideraremos os estudos de Antonino Bondi (*Louis Hjelmslev: fra lingua e linguaggio* [Roma: Carocci Editore, 2012], Cosimo Caputo (*Hjelmslev e la semiotica* [Roma: Carocci Editore, 2010]) e Alessandro Zinna (*Louis Hjelmslev. Linguística e semiotica strutturale* [1986]). É de notar a proximidade cronológica das publicações italianas (a mais antiga é a de Zinna), o que indica a efervescência dos estudos hjelmslevianos na Itália nas últimas décadas – final do Século XX para cá. Esses pesquisadores (e professores) encontram-se nos departamentos de Filosofia da Linguagem. Embora a geografia os separe, a Glossemática os une: Cosimo Caputo em Lecce; Antonino Bondi em Palermo; Romeo Galassi em Pádova; Alessandro Zinna em Urbino. Segundo Galassi (2009, p. 13, tradução nossa), a pretensão de Hjelmslev consiste em produzir uma estrutura metodológica válida para todas as ciências humanas, entre as quais a linguística (entendida como semiótica do verbal e, mais ainda, como uma filosofia da linguagem) funciona como ciência-referência, ciência-mãe. Para Bondi (2012, p. 15, tradução nossa), a Glossemática quer suprir alguma carência da disciplina linguística. Cosimo Caputo (2010, p. 11, tradução nossa) afirma ainda que Hjelmslev concebe o “fazer do linguista”: mirar uma ciência com um aparato categorial e sistemático, sendo a linguística (ou a semiótica), enquanto metassemiótica, antes de tudo um procedimento analítico.

Palavras-chave: Glossemática, Filosofia da Linguagem, Semiótica, Historiografia Linguística

Horizonte de Retrospecção e Co-presença: categorias de análise fenomenológica heideggeriana e a história das ideias linguísticas segundo Sylvain Auroux

Jorge Viana de Moraes (USP)

É ponto pacífico entre os estudiosos em *História das Ideias Linguísticas* que o conceito *horizonte de retrospecção* não é totalmente transparente. Em uma tentativa de lançar maiores luzes ao problema, defendemos ser imprescindível estabelecer sua relação com a “fenomenologia heideggeriana” (cf. HEIDEGGER 2011 [1926]), área com a qual a expressão, manifestamente empregada por *historiadores das ideias linguísticas*, mantém forte diálogo, ainda que não explícito e de não conhecimento geral. Principalmente a noção de *copresença* empregada por Auroux (2006) não foge a essa regra. Em Auroux, o conceito está relacionado ao de *horizonte de retrospecção*. Tanto um quanto o outro são, na verdade, categorias de análise. O conceito *co-presença dos conhecimentos*, que segundo o estudioso francês (AUROUX, 2006, p. 110) “é uma modalidade necessária do horizonte de retrospecção”, parece ter fundamentação direta em Heidegger (ver. **Ser e Tempo** 2011 [1926], Quarto capítulo, § 26, p. 173 e ss), conforme procuraremos demonstrar. Para comprovação do que se tem afirmado, o trabalho contará com um exemplo, ainda que breve, de análise.

Palavras-chave: Horizonte de Retrospecção, Copresença, Fenomenologia, Sylvain Auroux, Martin Heidegger

Considerada a divisora de águas da gramática no Brasil, a “Grammatica Portugueza” de Júlio Ribeiro, publicada em 1881, representa uma ruptura epistemológica com a tradição filosófica, ao introduzir um modelo histórico-comparativo de análise da língua, e vem sendo amplamente estudada no âmbito da Historiografia Linguística (cf. FÁVERO, 2002; VIDAL NETO, 2010; entre outros). Neste trabalho, objetivamos aprofundar a análise da “Grammatica” relacionando-a à biografia do autor e examinando seu contexto de produção e recepção. Assim, observaremos as relações sociais que estavam por trás de tal publicação, o papel desse episódio na trajetória intelectual de Júlio Ribeiro e a ligação do repertório linguístico adotado com as ideias políticas e científicas em voga. Influenciado por teorias desenvolvidas no século XIX, como o Positivismo, o Naturalismo e o Evolucionismo, e por nomes como Darwin, Littré, Schleicher e Whitney, Ribeiro é a imagem do “homem de ciência” do final daquele século (cf. SCHWARCZ, 1993), fundamentando-se no empirismo, e não no plano abstrato da razão, para a sua argumentação. Por isso, em sua “Grammatica”, o autor se propõe a expor as “leis deduzidas dos fatos e do falar vernáculo”, inovando ao levantar alguns usos considerados típicos da língua no Brasil, tanto na variedade popular quanto na de prestígio, isto é, na “língua dos doutos”, das pessoas ilustradas. A produção escrita de Ribeiro também é bastante notória por sua investida na literatura, com o controverso romance “A Carne” (1888), e pelas inúmeras polêmicas que protagonizou em jornais paulistas, nas quais criticava, por exemplo, os rumos tomados pelo Partido Republicano e a cultura bacharelesca brasileira, pautada na metafísica. Os diversos textos de Júlio Ribeiro refletem, pois, a atmosfera de contestação às instituições e valores da tradição imperial, característica do movimento político-intelectual da geração de 1870, além de representarem o modo como o autor demarcou sua identidade e conseguiu inserir-se e legitimar-se no universo letrado, dos “doutos”, visto que tinha origem humilde (ALONSO, 2002; SILVEIRA, 2008; PEREIRA, 2013). Dessa forma, a “Grammatica Portugueza” é o ponto de partida para verificarmos o posicionamento de Ribeiro acerca de aspectos linguísticos e ideológicos, uma vez que suas críticas à metafísica permeiam, por um lado, o estudo da língua e, por outro, os debates sociopolíticos sobre o Brasil, a província de São Paulo e a formação dos tais homens “doutos”. Sob o enfoque da História Social da Língua Portuguesa, este trabalho intenta o diálogo entre os resultados aqui obtidos e investigações anteriores sobre o autor e suas obras (vistas como um todo indissociável) e sobre a sociedade do final do século XIX.

Palavras-Chave: Júlio Ribeiro, gramática, português brasileiro

A *Grammatica portugueza*, de Júlio Ribeiro: um corte epistemológico na gramaticografia brasileira e a questão da língua portuguesa no Brasil

José Bento Cardoso Vidal Neto (USP)

A *Grammatica portugueza*, de Júlio Ribeiro, publicada em 1881, foi o primeiro compêndio que se ocupou em *gramatizar* a variante brasileira do Português. Além disso, como apontou Leite (2005a), Ribeiro foi o primeiro gramático a registrar marcas da *hiperlíngua* brasileira. O presente trabalho visou a discutir e compreender as condições que possibilitaram a Ribeiro estes pioneirismos, principalmente em relação aos registros do Português do Brasil. Para realizar tal tarefa, estudamos o corte epistemológico realizado pelo autor em nossa gramaticografia, uma vez que Ribeiro negou os principais valores do *Racionalismo* e vinculou-se ao *Naturalismo*. Esta mudança teórica - a despeito da manutenção da influência do modelo *Prescritivista* - alterou a forma pela qual a *gramática tradicional* deveria descrever a *língua* e foi, com efeito, relevante para que se incluíssem, pela primeira vez em uma gramática, marcas de nossa variante linguística. Para realizar este estudo, nos atrelamos teórico-metodologicamente aos conceitos de Aurox (1992;1998a), especificamente, no que tange ao processo de *gramatização* e à *hiperlíngua* e também no que diz respeito à significativa importância exercida pelos *instrumentos linguísticos*. O *corpus* foi a própria *Grammatica*, de Ribeiro. O presente trabalho também se enquadra no campo teórico da Historiografia Linguística, uma vez que visamos a descrever e analisar o tratamento dado por Ribeiro para a questão do Português do Brasil. Por assim procedermos, também contribuímos para os estudos relativos aos modelos epistemológicos pelos quais passou nossa gramaticografia.

Palavras-chave: Júlio Ribeiro, Gramatização do Português do Brasil, Hiperlíngua brasileira, Corte epistemológico, Naturalismo na gramática

A rede conceitual da 'cópula' nas duas gramáticas de Carneiro Ribeiro (1877 e 1890)

Bruna Soares Polachini (CEDOCH/USP)

Este é um recorte de uma pesquisa maior em que buscamos compreender a rede conceitual em torno do conceito de cópula, geralmente nomeado de 'verbo substantivo' na emergência e formação de uma gramaticografia brasileira do português ao longo do século XIX. Em geral, essa cópula era parte essencial de todo julgamento racional e sua expressão, a proposição. Assim, uma proposição como "Pedro vive" deveria ser analisada como "Pedro é vivente", visto que o verbo, de acordo com esse arcabouço, teria função somente de afirmação ou de expressão da existência. Essa pesquisa é realizada por meio da proposta de Swiggers (2010), de que todo termo pode ser analisado pelo seu conteúdo focal, isto é, o conteúdo do termo ele mesmo, ou seu conteúdo contrastivo, isto é, a rede, implícita ou explícita, de conteúdos no interior da qual um termo assume seu conteúdo dinâmico. Assim, termos como 'verbo' e 'proposição' poderiam, por exemplo, compor essa rede conceitual. Para este trabalho, selecionamos duas gramáticas do baiano Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920): *Grammatica Portugueza Philosophica* (1877) e *Serões Grammaticaes, ou Nova Grammatica Portugueza* (1890). Embora apenas treze anos separem uma da outra, a primeira delas faz parte de um período em que a gramática brasileira era impactada sobretudo por elementos da *grammaire générale* francesa, o que muda a partir da década de 1880, quando as gramáticas procuram se aproximar dos métodos da gramática histórico-comparada; logo, a segunda obra, de 1890, é predominantemente impactada por esse outro modelo. Tendo em conta que a *cópula* era um conceito relevante sobretudo para a *grammaire générale*, procuramos observar nesse trabalho as diferenças e semelhanças entre as duas obras de Carneiro Ribeiro, publicadas nesse momento de transição.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Gramaticografia brasileira, verbo substantivo.

Uma das principais marcas da *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (SILVA NETO, 1950) é a oposição que o autor estabelece entre a *história interna* e a *história externa* de uma língua. Tratando da questão logo no introito da obra, Silva Neto afirma que conduzirá seu estudo pelas trilhas da *história externa*, buscando na história social do Brasil a explicação para os fenômenos linguísticos, abordagem que se confirma no tratamento das variedades da língua no Brasil (SILVA, 2015) e também na periodização proposta pelo filólogo. Não obstante as generalizações encontradas na literatura (LOBO, 1994), verificamos que as análises linguísticas pautadas pelos preceitos teórico-metodológicos da *história interna* constituem num elemento fundamental da obra aqui considerada, sobretudo para sustentar os argumentos que Silva Neto utiliza para desconstruir as teses *indiófilas* e *negrófilas* que, segundo ele, eram mobilizadas pelos estudiosos que acreditavam na existência de uma *língua brasileira*. Assim, de acordo com os defensores da *tese brasileiroista* (ELIA, 1975), as línguas africanas e indígenas teriam influenciado o português do Brasil para além do nível lexical, deixando elementos de suas respectivas gramáticas, originando uma *língua brasileira* totalmente apartada do português europeu. Em nossa pesquisa, temos observado que tal ancoragem de Silva Neto nos fundamentos da *história interna* da língua deve-se à influência que o filólogo recebeu de alguns estudiosos da linguagem do século XIX, sobretudo de romanistas, como o português Francisco Adolfo Coelho. Um ponto interessante é que, embora Silva Neto procure negar a influência recebida de autores que propunham teorias de mudança linguística imanente, ressaltando aspectos inovadores de sua obra, alguns deles não são confirmados no plano analítico. Amparando-se no conceito de *Língua Transplantada*, o filólogo apresenta o *português no Brasil* como uma língua caudatária de uma *deriva indo-europeia*, que não estaria sujeita a fenômenos de *mestiçagem linguística*. Deste modo, com base nas propostas de Fleck (2010) – para quem o completo abandono do passado se coloca como uma impossibilidade epistemológica –, neste trabalho procuraremos demonstrar como alguns dos pressupostos forjados pela Linguística Histórica do século XIX estão presentes nas análises de Silva Neto (1950). A nossa hipótese é que, negando apenas as analogias conceituais características desse período das ciências da linguagem – oriundas, sobretudo, das ciências naturais e biológicas (KOERNER, 1995) –, em alguns momentos, Silva Neto vê a língua como um objeto imanente, o que, no polo interpretativo da Historiografia Linguística, nos permite incluir a sua obra no *Programa Descritivista*, formulado por Swiggers (1987, 2004).

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Linguística Histórica, História Interna

A influência de Epiphânio Dias na obra de Evanildo Bechara

Cíntia Cardoso de Siqueira (USP)

O estudo desenvolvido buscou examinar a influência das ideias linguísticas do português Augusto Epiphânio da Silva Dias na obra do brasileiro Evanildo Bechara. Considerando os pressupostos da História das ideias linguísticas e, especialmente, o conceito de horizonte de retrospectão (AUROUX, 2008), atentamos para o fato de que, para se analisar uma obra gramatical, faz-se necessário, em princípio, entendê-la como um objeto cultural, procurando relacioná-la ao conhecimento do tempo-espaço em que foi produzida, de forma a tentar compreender as ideias linguísticas que a fundamentam. Assim, entendendo que o estabelecimento de relações entre obras de referência em um determinado campo científico seja imprescindível para a compreensão do percurso de construção do conhecimento e, ainda, do conhecimento em si, o historiador das ciências deve buscar dimensionar o horizonte de retrospectão que alimenta as ideias linguísticas de um determinado autor e, por conseguinte, configura sua obra, o que justifica este estudo. Para comprovar a hipótese de que conceitos e ideias apresentados por Dias são incorporados à obra de Bechara, tomamos como corpus de análise os trechos que abordam o conceito e as noções nucleares da sintaxe (oração, termos essenciais e termos integrantes) na *Grammatica Portugueza Elementar*, de Epiphânio Dias, publicada em 1881, e nas duas versões da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, publicadas em 1961 e em 1999. A metodologia de trabalho pautou-se na análise e na comparação dos itens anteriormente apontados, nas referidas obras. Ao realizar a análise a que nos propomos, identificamos, nas duas versões da *Moderna Gramática Portuguesa*, inúmeras referências diretas que o gramático brasileiro faz a Epiphânio Dias, analisando ou aderindo ao seu pensamento e utilizando-se de seus exemplos. Além disso, os resultados obtidos pelo cotejo das obras mostraram possíveis relações entre conceitos explorados nas obras de Epiphânio Dias e Evanildo Bechara, nos indicando que o gramático português compõe o patrimônio teórico do brasileiro, ou seja, está inserido em seu horizonte de retrospectão.

Palavras-Chave: gramática, sintaxe, história das ideias linguísticas

O pronome em O idioma Nacional, de Antenor Nascentes

Jéssica Tavares dos Santos (UFF)

O presente trabalho integra meu projeto de tese de doutorado, intitulado A descrição do pronome em gramáticas brasileiras do século XX, no qual pretendo oferecer ao leitor um alinhavo do pensamento gramatical brasileiro no século XX, especialmente no tocante ao tratamento do pronome. A gramaticografia da língua portuguesa no Brasil consolida-se no século XX, inicialmente com uma série de trabalhos de cunho historicista, legatário da gramática científica do século XIX, posteriormente marcada por trabalhos de perfil dual, descritivo e normativo, em que predomina o corpus de língua escrita literária. Ao final do século, as gramáticas gozam de maior diversidade metodológica, sejam as que buscam uma descrição formal do sistema, sejam as que buscam uma descrição pautada nos usos linguísticos, com o caráter comum de haverem abandonado o perfil normativista. Uma classe gramatical que sofre variação significativa de tratamento no percurso das gramáticas vintenárias é a do pronome, sobretudo no tocante a sua classificação e a seu papel sintático na gramática do português brasileiro. Neste trabalho, pretendo analisar como o filólogo, linguista e lexicógrafo Antenor Nascentes, um dos maiores nomes da gramatização do português no Brasil, descreve o pronome em sua obra O idioma Nacional. Para tanto, além de resenhar a proposta descritiva de Nascentes, buscarei contextualizar sua obra no panorama intelectual de sua época e situar o autor no conjunto dos pensadores sobre a língua no Brasil do início do século XX. As conclusões deverão oferecer subsídios para que se entenda a influência que Nascentes deixou na produção linguística brasileira que sucedeu a sua obra.

Palavras-Chave: pronome, gramática, historiografia da linguística

Este trabalho, de caráter incipiente, pretende apresentar, valendo-se de princípios da Historiografia da Linguística, algumas rupturas e continuidades no discurso gramatical, mais especificamente no componente sintático, presentes na Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (2013), de José Carlos de Azeredo. Seguiu-se a orientação metodológica da Historiografia Linguística a partir das diretrizes divulgadas por pesquisadores como Konrad Koerner, Pierre Swiggers e de Cristina Altman, quais sejam, segundo Koerner: a) a contextualização – na qual remete o (a) historiógrafo(a) ao espírito da época investigada: ele (a) deve se preocupar com os pensamentos intelectuais e com os momentos socioeconômico, cultural e político desse tempo; b) a imanência – refere-se ao esforço do (a) historiógrafo(a) a compreender o documento/conceito investigado dentro do momento histórico em que foi produzido/criado: ele(a) deve tentar ser fiel às circunstâncias históricas que possibilitaram a criação desse documento/conceito; e c) a adequação – recomenda-se ao(à) historiógrafo(a) aproximar a época estudada do momento atual (aproximações modernas do vocabulário técnico): ele(a) deve buscar teorias atuais para que os(as) leitores(as) compreendam a lógica do seu trabalho. A Gramática Houaiss insere-se em um campo de estudo historiográfico de obras do tempo presente, embora estudiosos da área reconheça lacunas nesse tipo de estudo, uma vez que o princípio da imanência e o da adequação seriam aplicados ao mesmo tempo com base no mesmo arcabouço teórico para que não houvesse necessidade de separá-los, para assim, realizar estudos nesta seara. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. Os resultados ainda não conclusivos desta pesquisa apontam para um discurso amalgamado entre tradição e inovação, pois o autor ora dá continuidade a uma tradição normativo-descritiva já consolidada e que não rompeu com ele por acreditar que esse modelo ainda tem contribuições a oferecer ao ensino de língua materna entre nós, ora pende para a renovação, percebida tanto na ordenação e articulação dos assuntos, nos conceitos teóricos e descritivos, quanto na seleção dos exemplos.

Palavras-Chave: Historiografia, Gramática, tempo presente
